

Porque caiu a Galiza?

A Coroa Galaica
durante a Era Compostelana

José Manuel Barbosa



PORQUE CAIU A GALIZA?
A Coroa Galaica durante a Era Compostelana

1ª edição, julho 2022
© José Manuel Barbosa
© AGAL
© Adriana Pérez (Redeiras.net) [Mapas]

Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-74-2
DL: C 1094-2022

Coordenação editorial: Valentim Fagim
Revisão linguística: Joana Palha
Diagramação e capa: Miguel Durão
Imprime: Sacauntos Cooperativa Gráfica, Santiago de Compostela

Este livro está escrito numa variedade galega de português

ÍNDICE

Introdução | 13

0. O Contexto Nacional e Internacional | 15

- 0.1 A que chamamos Era Compostelana | 15
- 0.2 O que denominamos Coroa Galaica | 16
- 0.3 O Contexto político Europeu (S. XI) | 18
 - 0.3.1 O Império Romano do Oriente. O Cisma (1054) | 19
 - 0.3.2 O Sacro Império Romano Germânico | 21
 - 0.3.3 O poder do Imperador sobre o Papa
e a *Translatio Imperii* | 23
 - 0.3.4 Otão III e a Capital em Roma | 24
 - 0.3.5 O Poder da Igreja: Cluny e a Reforma Gregoriana | 26
 - 0.3.6 A Controvérsia das Investiduras | 29
- 0.4 O Contexto Político Hispânico (S. XI) | 31
 - 0.4.1 Gallaecia/Yilliqiya (Galiza) | 31
 - 0.4.2 Os territórios orientais da Península: Aragão,
Sobrarbe-Ribagorça e os Condados Catalães | 34
 - 0.4.3. Califado de Córdoba (Al-Andalus) | 35

1. Os Prelúdios da Era Compostelana | 37

- 1.1 Os ataques viquingues | 37
- 1.2 Crescónio de Compostelana e a *Apostolicae Sedis* | 40

2. O Reparto da Coroa em Cinco Reinos | 43

- 2.1 Garcia | 44
 - 2.1.1 A Instabilidade: Gudesteu e a Batalha do Pedroso | 44
- 2.2 A guerra fratricida | 46

3. Afonso VI, o Bravo | 49

- 3.1 O título de Imperador e a Cidade de Compostela | 49
- 3.2 Afonso VI e a Igreja | 51
- 3.3 As Taifas e as páreas | 53
- 3.4 A anexação de Toledo | 55
 - 3.4.1 O terramoto geoestratégico | 57
 - 3.4.2 O medo andaluzi. Os Almorávidas | 59

- 3.5 A conexão borgonhesa: Raimundo e Henrique | 61
- 3.6 Zaida e o príncipe Sancho Afonso | 63
- 3.7 Uclês | 65
- 3.8 Gelmires | 66
- 3.9 A morte do rei e a sucessão de Urraca | 70

- 4. Urraca, a Temerária** | 73
 - 4.1 Afonso, o Batalhador | 73
 - 4.2 A guerra contra o Aragão | 75
 - 4.3 A Diarquia | 77
 - 4.4. As Revoltas Sociais | 78
 - 4.5 A última etapa do reinado de Urraca I | 81
 - 4.6 A Compostela de Gelmires: Calisto II e Roma | 82
 - 4.7 Morte da Rainha | 87

- 5. Afonso VII, o Imperador** | 89
 - 5.1 A Coroação em Leão. Apoios e oposição | 89
 - 5.2 Pacificando o país | 90
 - 5.3 Os Conflitos | 91
 - 5.3.1 O problema português | 91
 - 5.3.2 Os preparativos para a guerra com Aragão | 93
 - 5.3.3 A Rebelião de Gonçalo Pais nas Astúrias | 94
 - 5.3.4 Solução ao conflito com Aragão | 94
 - 5.4 Imperator Hispaniarum | 95
 - 5.5 A tentativa de conquista de Navarra | 99
 - 5.6 A independência de Portugal | 99
 - 5.7 As conquistas em Al-Andalus | 101
 - 5.8 A campanha de Almeria | 103
 - 5.9 Morte de Afonso VII | 109

- 6. Fernando II, “Señhor des Galecs”** | 111
 - 6.1 O Tratado de Sahagún | 111
 - 6.2 A Guerra contra Castela | 113
 - 6.3 Os choques fronteiriços com Portugal:
Estremadura e Toronho | 114
 - 6.4. As Cortes de Tui de 1170. Origem do parlamentarismo | 118
 - 6.5 As Ordens Militares | 121

- 6.6 O contra-ataque almóada e a perda da Estremadura | 123
- 6.7 Tentativas de recuperação | 125
- 6.8 A relação entre a Coroa e a Igreja | 127
 - 6.8.1 O conflito com o bispo Martinho Martins | 127
 - 6.8.2 O bispo Pedro Soares de Deça | 130
- 6.9 Não há um final feliz | 134

- 7. Afonso VIII, o Galego** | 135
 - 7.1 Criado por Urraca Fernandes de Trava | 135
 - 7.2 A Conquista do Trono e os Decreta Legionenses | 136
 - 7.3 Rodeados | 138
 - 7.4 A Liga de Huesca e o apoio do Papa a Castela | 139
 - 7.5 A afronta de Alarcos. As consequências | 142
 - 7.6 Berengária de Castela e um novo *Interdictum* | 144
 - 7.7 O apoio de John I Lackland | 146
 - 7.8 A guerra de sucessão portuguesa | 147
 - 7.9 As Navas de Tolosa e a não intervenção do Galego | 148
 - 7.10 O trono de Castela:
 - Berengária e Fernando I de Castela | 152
 - 7.11 A Conquista definitiva da Estremadura | 155
 - 7.12 O assunto da sucessão:
 - Sancha e Dulce e o Tratado de Benavente | 157
 - 7.13 Fernando I de Castela e III de Galiza | 160
 - 7.14 As fontes e a *Damnatio Memoriae* | 161

- 8. A Época Dourada da Era Compostelana** | 165
 - 8.1 A língua e a literatura | 165
 - 8.1.1 A língua | 165
 - 8.1.2 A lírica trovadoresca | 167
 - 8.1.3 A prosa | 169
 - 8.2 A cultura internacional da Galiza | 170
 - 8.3 Arte | 172
 - 8.4 As universidades | 175
 - 8.5 Organização territorial e política | 177
 - 8.5.1 Da Cúria Régia às primeiras Cortes | 177
 - 8.5.2 A organização municipal | 178
 - 8.6. O Caminho de Santiago | 181
 - 8.7 Cluny, o Císter e as Ordens Mendicantes | 183

9. Conclusões | 185

9.1 O relacionamento entre Roma e Compostela
até ao século X | 185

9.2 Debilitamento do poder andaluzi.

A rutura de Al-Andalus e as Taifas | 187

9.3 A ideia imperial pan-hispânica e Toledo | 188

9.4 Gelmires, Afonso VII e Calisto II | 191

9.5 A rutura da velha Gallaecia e o protagonismo de Roma | 193

Anexos | 197

Bibliografia e Linkografia | 201

Índice onomástico | 209

Índice toponímico | 215

INTRODUÇÃO

Há já alguns anos que a historiografia galeguista é divulgada para os galegos. A sua grande conquista tem sido a de identificar o ente geopolítico norte-ocidental peninsular ibérico, com o topónimo Gallaecia (ou qualquer uma das suas variantes latinas, romances, árabes ou germânicas) e com um projeto político que tinha os seus centros de poder em Compostela e Leão. Mas parece-nos que ainda há muita coisa a investigar, expor e divulgar, já que, cada vez que nos introduzimos nos mistérios da pesquisa e da investigação, nos surgem mais elementos a destacar e mais perguntas e questões a resolver, a compreender e a encaixar numa narrativa que deita por terra o discurso tradicional da Castela omnipresente, todo-poderosa e protagonista de tudo, não se explicando desde uma ótica galaica.

Como tentamos demonstrar no nosso livro anterior, em dois volumes, *A Evolução Histórica dos Limites da Galiza*, o espaço da Gallaecia/Gallitia/Yalliqiya/Galizulund, ou, porque não, Galiza, ocupou, desde os inícios, um amplo espaço que ia desde o Sistema Ibérico até ao Oceano Atlântico e desde o Maciço Central Ibérico até ao Cantábri-co, mas por circunstâncias históricas foi-se quarteando, dividindo-se e dele foram nascendo novas entidades políticas que sobreviveram no tempo com projetos monárquicos diferentes. Aquela Galiza ampla, da qual nos fala Anselmo López Carreira, podemos identificá-la com a primeira Galiza medieval, herdada do baixo-Imperio romano, enquanto aquela outra que ele denomina de Galiza nuclear, podemos identificá-la como o velho espaço que os antigos povos celto-galaicos ocupavam, assim denominados por Blanca García Fernández-Albalat, que habitaram, desde tempos pretéritos, as regiões graníticas do noroeste peninsular. Esses dois espaços não contraditórios, poderemos identificá-los, também, como a Coroa Galaica, assim distinguida por possuir um poder monárquico inicial unificado e unificador, embora conformado por vários reinos posteriormente, do qual faz parte o Reino da Galiza, mas, como foco de poder, distingue uma Compostela com um projeto político imperial e expansionista que faz saltar os alarmes do poder sistémico medieval, em épocas de cismas. Mas falta-nos começar a reconstruir certos elementos da nossa narrativa,

relacionados com aquele poder político galaico (ou galaico-leonês, se quisermos), como a forma em que chegou ao seu apogeu e começou o seu declive. Neste livro, tentaremos dar algumas dicas sobre o processo de crescimento e empoderamento daquela Coroa Galaica, no contexto espaço-temporal em que se mexia, que conseguiu chegar, em termos de Império, desde o Atlântico até ao Ródano, em épocas de Afonso VII. Tentaremos visualizar aquela outra Coroa Galaica dividida que, uma vez sem Castela e Portugal, acabou sendo incorporada à própria Castela, que visava construir um novo e diferente projeto político que acabou triunfando, aliás, apagando o projeto inicial político galaico-compostelano. Portugal, no entanto, conseguiu safar-se da ameaça castelhana e sobreviveu no tempo e no espaço, consolidando-se como herdeiro do projeto originário. Como Portugal tentou estender pontes, posteriormente à sua independência, que foram derrubadas e obstruídas pelos poderes sistémicos da altura. Tentaremos explicar o protagonismo da Roma dos Papas, centralidade desse poder sistémico e temerosa do poder compostelano, como se manifestou a aliança entre Toledo e Roma e como a Coroa Galaica perdeu a sua soberania, rodeada e acossada do ponto de vista político, religioso, militar e diplomático, até ser incorporada ao novo projeto político castelhano, herdeiro, em objetivos, do primordial projeto político galaico, mas chefiado por grupos sociais castelhano-toledanos, que acabariam por impor um modelo que, com o tempo, se revelaria como nacionalitariamente alheio à própria Galiza. Tentaremos, pois, explicar, como é que caiu a Galiza.